

## A memória estilhaçada

ECO, Umberto.

*A misteriosa chama da rainha Loana.*

Tradução: Eliana Aguiar.

Rio de Janeiro: Record, 2005, 456 p.

por João Anzanello Carrascoza<sup>1</sup>

O subtítulo de *A misteriosa chama da rainha Loana*, nova obra de ficção de Umberto Eco, já nos sinaliza o seu formato, senão inovador, inegavelmente atraente para o leitor nos tempos da pós-modernidade: “romance ilustrado”.

A trama traz, como protagonista, um sexagenário italiano, Giambattista Bodoni, comerciante de livros raros e apaixonado pela cultura erudita, que, salvando-se de uma doença grave, perde contudo a memória afetiva.

A narrativa se abre com Yambo, apelido de Giambattista, saindo da densa névoa do coma e descobrindo que é capaz de se recordar da história da humanidade, mas não da sua própria. Mais precisamente, ele se recorda dos versos de T. S. Eliot e de outras passagens livrescas, e não de sua mulher, Paola, de suas filhas, Carla e Nicoletta, e de seus netos, que vêm visitá-lo no hospital. Embora “carregue a memória do mundo”, ele não se lembra de nada de seu passado esculpido pelas emoções.

Este início nos remete a *Funes, el Memorioso*, personagem de Jorge Luís Borges, e ao próprio escritor argentino, conhecido pelo seu enciclopedismo, seu amor aos livros, seus engenhosos contos cujos enredos misturavam ficção e realidade. E, obviamente, nos remete à sua cegueira. Cegueira que, quando se instalou, definitiva, Borges recém-



<sup>1</sup> Escritor, doutor pela ECA-USP, onde leciona no curso de Publicidade e Propaganda, e docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Consumo da ESPM.

assumia o comando da Biblioteca Nacional em Buenos Aires. E, não por acaso, escreveria, anos mais tarde, sobre a ironia do destino ao lhe dar o acesso a tantos livros e, ao mesmo tempo, a escuridão.

Após voltar à sua casa e reconhecer a família, Yambo retoma o trabalho no Studio Biblio, sua loja de alfarrábios e obras preciosas, onde é auxiliado pela jovem e sensual Sibilla, com quem ele desconfia ter vivido um *affair* antes do apagão.

E, a fim de recuperar sua biografia sensorial, Yambo, convencido por Paola, viaja para Solara, antiga vila de seu avô, onde passava as férias na infância. É a partir daí que as recordações literárias do personagem dão lugar a um vasto repertório de imagens da cultura popular dos anos 1930 e 1940.

Os gibis do Mickey, as histórias em quadrinhos de heróis como Flash Gordon e Mandrake, os livros de aventura (*O conde de Montecristo*, *Os três mosqueteiros* etc.), os suplementos do *Corriere del Piccoli*, as obras de Salgari e outros materiais gráficos que Yambo encontra no sótão da vila – seus pertences em menino – são as *madeleines* que, proustianamente, o ajudam a reconstituir seu passado. E, como essas “imagens” são reproduzidas nas páginas do



romance, no mesmo instante em que ele as vê e as manuseia, o leitor, como um *voyeur*, observa e partilha de suas emoções.

Essa memória de papel se amplia com as capas de revistas, os rótulos de produtos, os cartazes publicitários, os selos e outros objetos culturais que ele descobre e que representam toda uma semiologia da Segunda Guerra Mundial. As “ilustrações” se sucedem ao longo da história em forma de trechos de programas de rádios que Yambo ouvia quando jovem, hinos fascistas, jornais da época, charges, pôsteres de filmes que o comoveram, como *Casablanca* e *Sangue e areia*.

Em meio a essa penumbra, avulta um número da revista *Cino e Franco* com a história d’*A misteriosa chama da Rainha Loana* – a soberana de uma tribo selvagem –, que opera como uma revelação para o desmemoriado personagem. É a chama da imortalidade que, no entanto, também se apagará no fluir da aventura, embora o desejo por ela se mantenha vivo. É o “copo inquebrável”, na definição do narrador, à semelhança do cálice do Graal, que Yambo sonhava um dia possuir.

O leitor se surpreenderá com o desfecho desta fabulação ilustrada, que dialoga, em conteúdo, com inúmeros clássicos, entre eles o mito da caverna de Platão, e, em estrutura, com *O castelo dos destinos cruzados* – um dos primeiros romances desse gênero<sup>2</sup> – de Ítalo Calvino, cuja obra *Seis propostas para o próximo milênio* já havia inspirado Eco a escrever os ensaios de *Seis passeios pelo bosque da ficção*.

Além do prazer de degustar mais uma bela história do ficcionista Eco – que desta vez não abusa de sua erudição como em *O nome da*

<sup>2</sup> Apesar de trazer imagens que ilustram sua trama de forma distinta da de Eco, convém lembrarmos aqui também d’*O mês da gripe*, obra original do escritor brasileiro Valêncio Xavier.





*Rosa* ou *O pêndulo de Foucault* –, o estudioso da área de comunicação também encontrará nessas páginas, como Yambo, as luzes da alta cultura e da cultura *pop* no mesmo palco. Um palco que, igual a nossa existência, aos poucos escurece, enquanto a chama do esquecimento nos aviva.

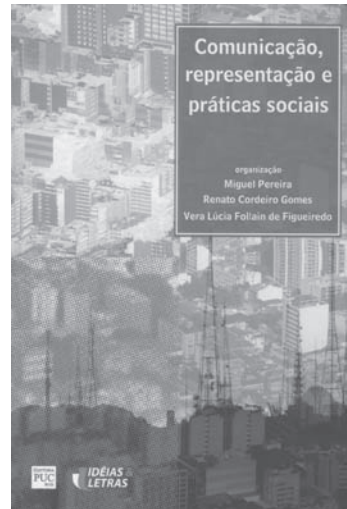
## O fascinante campo da comunicação

PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro & FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (orgs.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004, 282 p.

por Gisela G. S. Castro<sup>1</sup>

Idéias são preciosas, raras, fugidias. São também gregárias. Incitam à discussão, ao diálogo, à comunicação enfim. Pensar enseja o comunicar. Senão, puro solipsismo. O fascinante campo da comunicação consolida-se como *locus* privilegiado de produção de saber, abrangendo uma plêiade de tópicos e discussões que estão na ordem do dia dos grandes debates da atualidade. Com a proposta de fomentar a análise crítica das representações e práticas sociais contemporâneas, o seminário de abertura do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio reuniu um naipe de primeira linha dentre os teóricos do grande campo das ciências sociais aplicadas, cujos trabalhos são apresentados neste livro indispensável.

A emergência de um novo Programa de Pós-Graduação em Comunicação enriquece a vida inteligente no Rio de Janeiro, indo na contramão de certo academicismo *prêt-à-porter* baseado em apostilas de fácil digestão e fragmentos de alto impacto que parecem querer imperar no ensino superior brasileiro. O viés pragmático que prevalece na maior parte dos cursos de graduação evidencia o descaso com a laboriosa e imprescindível formação humanística abran-



<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Cultura (ECO/ UFRJ) e docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

gente, que torna possível a distinção entre o saber fazer e o saber que advém da reflexão acerca do que se faz.

Saudemos este lançamento da PUC-Rio, que se conjuga em dupla função. Como primeira, um mais que merecido registro histórico do nascimento deste Programa que já se afirma como um importante fórum de debates nesta cidade. Como complemento, o excelente material aqui criteriosamente reunido contribui sobremaneira para a consolidação da reflexão acadêmica e a consistência de seus frutos.

Abordando a multifacetada cena contemporânea, temos, nesta coletânea, trabalhos que versam sobre um amplo espectro de temas. A cultura e estética da música eletrônica estão a cargo de Simone Sá. O hibridismo identitário na MPB é apontado por Liv Sovik. O cinema é focalizado sob ângulos diversificados nos textos de Miguel Pereira, Angeluccia Bernardes Habert e João Luiz Vieira. As formas narrativas contemporâneas são interpretadas por Vera Follain de Figueiredo. As práticas de consumo são examinadas por Everardo Rocha. A cidade é estudada com base nas perspectivas propostas por Eneida Maria de Souza e Renato Cordeiro Gomes. O papel do futebol na identidade nacional é discutido por Ronaldo Helal e Antônio Jorge Soares. A questão do conteúdo na TV digital é analisada por Nelson Hoineff.

Como não poderia deixar de ser, estão presentes ainda instigantes trabalhos de cunho mais teórico voltados aos próprios fundamentos da área, alicerçando e oxigenando a discussão. Sendo assim, Vera França indaga acerca do saber construído no campo da comunicação. Arlindo Machado alerta para certas distorções conceituais na retórica recorrente. Eduardo Neiva propõe uma revisão da própria noção de cultura à luz da seleção natural darwiniana. José Carlos Rodrigues problematiza os meios de comunicação

nas relações de poder. Wilson Gomes discorre sobre a complexa interação entre espectador e obra de arte. Karl Erik Schøllhammer enfatiza a dimensão ética na nova produção estética contemporânea.

Este panorama diversificado confirma a abrangência dos atuais estudos em comunicação, apontando para seu papel como catalisadora no debate das grandes questões atuais. O leitor atento e crítico encontrará nesta obra elementos indispensáveis para uma compreensão mais aprofundada de nossos modos de representação e nossas práticas contemporâneas. A todos, boa leitura.